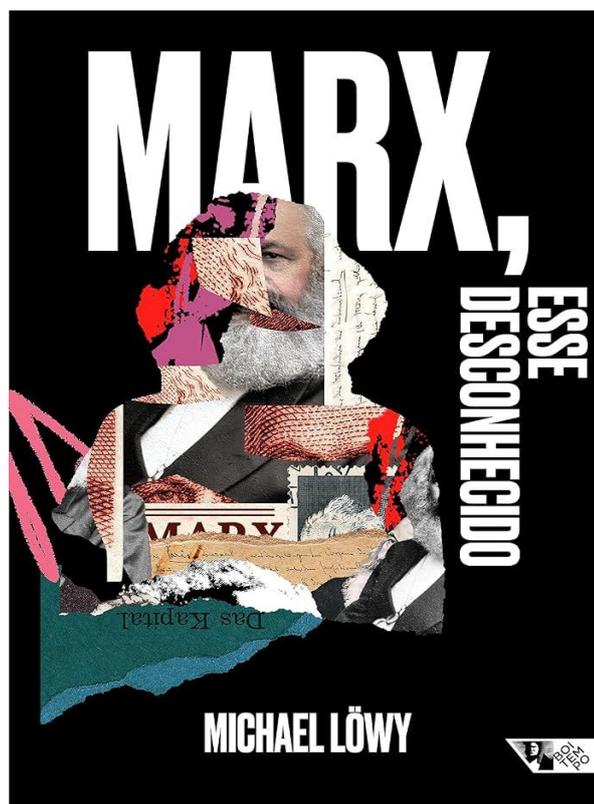


RESENHA

MARX, ESSE DESCONHECIDO (2023)

Mário Jorge de Paiva¹ <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>



O objetivo do livro *Marx, esse desconhecido*, como aponta sua introdução, envolve resgatar o pensamento marxista, marxiano, de estereótipos, por causa de distorções e questões não muito bem compreendidas, tendo sempre em vista que Marx era um pensador complexo, influenciado por diferentes aportes e que mudou de ideia sobre certos assuntos. Löwy apresenta Karl Marx como um homem da ciência de seu tempo, contudo também como um crítico moral, com indignação e recusa. O texto, dividido em uma parte de ensaios e uma entrevista, já começa interessante, porque aborda aspectos da obra de Marx pouco discutidos. Os ensaios são rápidos e sem intermináveis discussões *escolásticas*.

¹Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela PUC-Rio, atualmente é professor da rede estadual de São Paulo. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com

A obra abre com um documento pouco conhecido de Marx abordando o suicídio e uma questão das mulheres na sociedade de sua época. Há uma discussão que apresenta tais mulheres como vítimas da tirania familiar, vista como forma de poder arbitrário que não foi derrubado pela Revolução Francesa. Ao analisar certos casos de suicídios de mulheres, oprimidas pela família, sociedade etc., Marx aborda até questões bem caras ao feminismo atual, como o direito ao aborto.

No segundo texto do livro vemos como há diferentes formas de se ler o conceito de dialética do progresso em Marx, em que essa pode ser observada de forma menos teleológica do que certos autores realizam. Esses tons de economicismo determinista podem ser substituídos por colorações mais complexas, mesmo que essa crítica seja realmente válida para certos trabalhos de Marx. Os últimos textos de Marx, sobre a Rússia, já são vistos como algo menos linear ou eurocêntrico. Há um elemento de abertura dos processos históricos que certos autores conseguiram capturar, *vide* Rosa Luxemburgo ou Walter Benjamin; Benjamin não via uma revolução como inevitável, em que essa revolução não é uma locomotiva da história, mas sim a humanidade puxando os *freios*, antes que o veículo caia no abismo.

Outro elemento abordado é o ecossocialismo, o autor discute esse tema usando um aporte publicado em diferentes periódicos, *vide* *Capitalism, Nature and Socialism* ou *Écologie et Politique*. Na visão de Löwy sobre ecologia, as reformas parciais são inúteis, assim o impasse existente envolve uma real mudança ecológica.

O 3º artigo discute Marx e Engels enquanto sociólogos da religião, indo um pouco além da máxima de que a religião é o ópio do povo. Uma ausência nesse momento, acrescentemos, é uma discussão sobre a percepção de Marx acerca do judaísmo, algo que já levantou certas polêmicas de relevância nos estudos marxistas. Talvez o ponto alto desse texto seja o apontamento de certas similaridades entre o pensamento de Marx e Engels e as teses weberianas (cf. Löwy, 2023, p. 37).

A religião pode ser uma forma de alimentar movimentações populares e revolucionárias, *vide* certas heresias medievais. Löwy fala que em Engels há um paralelismo estrutural entre o cristianismo original e o socialismo moderno, porque são movimentos oprimidos de massas. Mesmo que, claro, existam diferenças, como o fato de que nesse cristianismo primitivo há uma leitura e valorização do mundo do além, enquanto o socialismo descrito aposta na *salvação* terrena.

A figura de Thomas Müntzer, como toda questão da reforma protestante, é de interesse. Engels acreditou que a reforma puritana do século XVII foi um último respiro da religião com papel revolucionário, já que a Revolução Francesa foi vista como um levante burguês que

rejeitava essa capa religiosa. Mesmo que Engels e Marx não pudessem prever, existiu uma série de movimentos religiosos progressistas posteriores, que juntavam religião e o marxismo, como a esquerda cristã francesa dos anos de 1930 até os anos 70, envolvendo também a Teologia da Libertação da América Latina etc.

O 4º artigo discute uma relação dessa dupla com as questões ecológicas, logo é um texto profundamente relevante. Todavia, Löwy aponta como os temas ecológicos não tinham um papel central na produção de Marx e Engels e como seus textos não são unívocos, estando abertos para diferentes interpretações. Löwy fala da obra *Karl Marx's Ecosocialism*, de Kohei Saito, porém Löwy não possui total concordância com essas leituras de Saito (cf. Löwy, 2023, p. 61). Para sintetizar, o ecossocialismo é uma radical ruptura com nossa civilização materialista ocidental. É buscada uma nova sociedade, com um novo modo de produção e um novo paradigma civilizacional (cf. Löwy, 2023, p. 63).

O último texto, da primeira série de ensaios, aborda como o marxismo bebeu de fontes românticas, mesmo que os autores em questão não possam ser lidos como românticos. O romantismo pode ser visto, nessa leitura, como uma rebelião contra aspectos centrais de nossa civilização, *vide* desencantamento do mundo, uma quantificação da vida², a destruição da comunidade etc., tudo envolvendo um diálogo com valores pré-capitalistas. Porém, no fim, o autor aponta como esse marxismo descrito não é nem romântico ou modernizador, porque há uma tentativa dialética de *Aufhebung* na direção de uma nova visão de mundo, revolucionária, que assim deseja uma forma superior de organização social. O marxismo não sonha com o retorno ao passado, em uma típica atitude romântica reacionária, o marxismo deseja uma valorização de certos elementos do passado, e da crítica romântica, para desenvolver um futuro comunista.

Um elemento que podemos lembrar, como nós mostramos antes (cf. Paiva, 2021), é que o reacionário nunca quer um retorno perfeito ao passado. Assim há, se nossa leitura for correta, algo em comum entre um pensamento revolucionário e reacionário. Aqui gostaríamos de apontar um interesse de pesquisa, que não foi desenvolvido por Löwy, sobre como o marxismo lê ou leria certos autores reacionários. Em outros termos: o que Marx falaria de Gustavo Corção ou de Voegelin? O que poderia ser útil para Marx da história das ideias de Voegelin, por exemplo?

A segunda parte do livro, nessa seleção de ensaios, envolve temas mais explorados dentro dos estudos marxistas, aborda a teoria da revolução e os estudos históricos que eles

² A economia e o capital substituem outros valores sociais.

realizaram, ou as previsões que fizeram, sobre a possibilidade de revoluções em lugares como Alemanha ou Rússia. Aqui vemos como há uma importância grande da Revolução Francesa, mesmo que a revolução esperada por Marx não desejasse ser uma cópia de eventos do passado.

Em certo momento, Marx parecia apenas mais um hegeliano de esquerda, dando primazia aos filósofos e ideias, vendo o proletário como um elemento passivo. Mas, com a Revolta da Silésia, ele descobre aptidões do proletariado (alemão) para o socialismo (cf. Löwy, 2023, p. 88). Desenvolve-se, então, uma ideia de que o socialismo não é mais uma teoria pura, mas uma *práxis*, o elemento ativo da emancipação.

Löwy também fala como existiram outros analistas importantes da questão revolucionária depois de Marx, *vide* Lênin, com sua vanguarda revolucionária, Trótski, com seu desenvolvimento da ideia de revolução permanente, Rosa Luxemburgo, tratando do socialismo e das liberdades democráticas, José Carlos Mariátegui, abordando a revolução socialista enraizada nas tradições comunais indígenas, entre outros casos (cf. Löwy, 2023, p. 99).

Löwy discorda que a ideia de revolução seja uma coisa do passado, a democracia revolucionária não é uma opção, porém é a natureza intrínseca do próprio socialismo (cf. Löwy, 2023, p. 100). Mesmo que, claro, isso não signifique que Marx tenha todas as respostas. Temos de nos apropriar de legados e revisões do marxismo, mas também de contribuições de diferentes socialismos, anarquismos, igualmente levando em conta outros movimentos sociais que se desenvolveram, como o da libertação de negros, indígenas, feministas (cf. Löwy, 2023, p. 100).

Uma questão nos *pegou* aqui: por que o autor não falou dos movimentos LGBTI+? Como sabemos, a relação do marxismo com os movimentos LGBTI+ nem sempre é simples. Assim deixamos aqui essa indagação.

Os artigos dessa segunda parte terminam se focando, cada um ao seu modo, em algum aspecto da discussão sobre a revolução na obra de Marx e Engels. Em um é abordada a Revolução Francesa, em outro a particularidade de 1848, enquanto uma ofensiva de corte contra a ordem burguesa, etc. Claro, essas questões dialogam com outros conceitos de relevância dentro da obra de Marx, *vide* ideologia (que afeta mesmo os intelectuais, enquanto representantes de suas classes, não ultrapassando suas visões de mundo), superestrutura, visões de mundo (*Lebensanschauungen*), formas de pensar (*Denkweisen*) *and so on* (cf. Löwy, 2023, p. 141).

O último texto dessa segunda parte se foca na atualidade do *Manifesto Comunista*, assim fecha bem em termos de artigos, pois, querendo ou não, essa é a obra mais conhecida e comentada de Marx. O autor fala que a atualidade de tal texto está no fato de que nunca nossas

esferas da vida estiveram tão submetidas ao capital e ao cálculo egoísta. O autor afirma que hoje os explorados pelo capital são maioria da população, porém mesmo que a questão nunca tenha sido tão urgente, tão internacional, falta mobilização, organização política.

Löwy (2023, p. 151) ainda aponta como os autores entendiam o movimento dialético da história, em que certos progressos são acompanhados de regressões em outros domínios. Logo, isso também vai contra uma visão muito maniqueísta e teleológica da história.

Depois o livro passa para uma entrevista, em que o Löwy fala sobre sua vida e seus trabalhos, o que ajuda a situar o leitor, entretanto não entendemos os motivos de não terem publicado essa entrevista na íntegra, e o livro não oferece uma explicação para isso, só indica que ela foi editada. A obra fecha com uma cronologia da vida e obra de Marx, além de várias referências bibliográficas sugeridas.

De um modo geral, é um livro útil e interessante para quem começa no estudo de Marx. Há alguns problemas de coesão, no sentido de que foram textos publicados separadamente e depois compilados. O livro também poderia discutir mais com outros autores de caráter crítico ao capitalismo contemporâneo, assim seria fácil traçar pontes com Zygmunt Bauman, Werneck Vianna, Mark Fisher, Žižek, Jonathan Crary etc. Mas, para concluir, a obra possui um saldo positivo, dentro do que ela se propõe.

Agradecimentos

Agradeço à Steak Tartare, minha gata extremamente chata.

REFERÊNCIAS

LÖWY, M. **Marx, esse desconhecido**. Boitempo: São Paulo, 2023.

PAIVA, M. J. **Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Artigo recebido em: 03 de março de 2024.

Artigo aceito em: 04 de maio de 2024.

Artigo publicado em: 15 de junho de 2024.